

GÊNERO E SEXUALIDADES NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: RELATOS DE PROFESSORXS¹

Wilians Douglas Barbosa da Silva - UFRRJ

Ellen Aniszewski - UNESA

Gabriela Simões Silva - UFRRJ

RESUMO

No ambiente escolar e acadêmico são essenciais e urgentes as abordagens sobre gênero e sexualidades com vistas à uma sociedade justa e igualitária. Acredita-se que tensionamentos ainda presentes no “chão da escola” e, não obstante, nas aulas de Educação Física (EF) escolar podem ser minimizados/superados, dentre outras possibilidades, mediante formação inicial e continuada de qualidade para professorxs. Neste texto, apresenta-se uma ação extensionista nesse sentido, oferecida pela UFRRJ no ano de 2021, intitulada “Gênero e Sexualidades na Educação Física Escolar”. Traçou-se como objetivo descrever os principais desafios e possibilidades pontuadas pelxs cursistas acerca do desenvolvimento da EF escolar, pensando na diversidade de gênero e sexualidades. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter descritivo. Compuseram o corpo discente da referida ação 194 cursistas, divididxs em cinco turmas. As turmas participaram de cinco módulos e seus respectivos fóruns. Em sintonia com o objetivo, foram analisados os diálogos da Turma 3 no fórum do 1º módulo com a temática: “Gênero, Sexualidades e EF”. Os resultados indicaram a quebra de preconceitos/estereótipos, a diferenciação de habilidades/práticas por gênero e a formação profissional como principais desafios. Dentre as possibilidades predominou a organização de aulas mistas, com regras e experimentações envolvendo a participação de todxs e a necessidade de diálogo constante. Acredita-se que as aulas de EF escolar constitui rico contexto para reflexões e debates acerca das questões aqui apresentadas.

Palavras-chave: Escola, Docência, Ação Extensionista.

INTRODUÇÃO

As abordagens sobre gênero e sexualidades apresentam-se como primordiais em busca de uma sociedade justa e igualitária. No ambiente escolar e acadêmico esse debate torna-se fulcral, sobretudo pelo potencial de propiciar compreensão aprofundada sobre tais temáticas, bem como de ampliar possibilidades de formação e atuação profissional. Ainda, acredita-se que a Educação Física Escolar (EFE) pode contribuir de maneira profícua nesse sentido (Sabatel *et al.*, 2016), por caracterizar-se também como um espaço educativo em que os corpos estão em evidência e carregam consigo processos históricos, sociais e culturais que, não obstante, relacionam-se com a construção de gênero e sexualidades.

Em relação à docência, Sabatel *et al.* (2016) apontam que para romper paradigmas, discursos e práxis-pedagógicas sexistas, pautadas em padrões hegemônicos, a formação

¹ A ação extensionista contou com Financiamento Interno mediante Edital para Cursos Institucionais de Extensão (EEXT/PROEXT/2021/I).

profissional de qualidade, inicial e continuada, é essencial e necessária. Ao analisarem como as temáticas de “gênero” e “sexualidade” estão sendo abordadas em cursos de Licenciatura em EF de quatro Instituições de Ensino Superior públicas do Rio de Janeiro, Araújo e Devede (2019) identificaram apenas quatro disciplinas (0,85%) pós análise de 467 ementas. Os autores concluem, portanto, que essas temáticas ainda se encontram marginalizadas na formação superior em EF.

Em diálogo, ao analisarem percepções de graduandos em EF sobre as temáticas “gênero” e “sexualidade”, Vasconcelos e Ferreira (2020) encontraram como resultados o contato destes com tais temáticas, seja na educação básica e/ou na graduação, mas com fragilidades conceituais e ausência de articulações ao longo do curso. Entende-se que essas ausências formativas corroboram para o despreparo profissional frente a estereótipos, preconceitos e práticas excludentes na EFE (Araújo; Devede, 2019).

Tendo em vista a importância e urgência de abordagens sobre gênero e sexualidades na formação docente, bem como considerando a problemática supracitada em relação às ausências de debates na formação inicial, no ano de 2021 foi promovido na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) o Curso intitulado “Gênero e Sexualidades na Educação Física Escolar”, buscando construir, com estudantes e professorxs de EFE da rede pública de ensino, a compreensão das questões de gênero como campo de conhecimento e disputa política.

Nessa seara, esse estudo teve como objetivo descrever os principais desafios e possibilidades pontuadas pelxs cursistas acerca do desenvolvimento da EFE, pensando na diversidade de gênero e sexualidades.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter descritivo (Gil, 2008). Apresenta dados relativos à ação extensionista realizada entre os meses de setembro e outubro de 2021, cadastrada e aprovada na Pró-Reitoria de Extensão (PROEXT-UFRRJ) sob o código CR079-2021. Brevemente, caracterizou-se como um curso de 40 horas, *on-line*, perspectivando público interno à universidade – estudantes de graduação (pedagogia ou EF) ou pós-graduação (educação ou EF); e externo – professorxs de EF da rede pública de ensino. A referida ação contou com 37 membros envolvidos na organização, em suas variadas funções; e 194 cursistas, divididxs em cinco turmas.

As turmas participaram de cinco módulos (*Youtube* via LEGESEX-UFRRJ) e seus respectivos fóruns (*WhatsApp*). Nesse texto, em sintonia com o objetivo, foram analisados os

diálogos da Turma 3 no fórum do 1º módulo com a temática: “Gênero, Sexualidades e EF”.

Estavam inscritxs 37 pessoas na turma, com a participação efetiva de 21 nesse momento. Os dados foram tratados mediante Técnica de Análise de Conteúdo (Bardin, 2011), considerando as categorias traçadas a *priori*, a saber: “desafios” e “possibilidades”. Para constituição das categorias levou-se em consideração o desenvolvimento da EFE pensando na diversidade de gênero e sexualidades.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A quebra de preconceitos/estereótipos e a diferenciação de habilidades/práticas por gênero apareceram como desafios. A formação profissional também se caracterizou como um desafio a ser superado. Vê-se abaixo:

Sabemos que as alunas e os alunos chegam na escola carregadxs de preconceitos. Já trazem de casa, da igreja, da convivência entre amigxs da rua, e por aí vai, porém temos um outro ponto muito crítico que também temos que lidar, os próprios professores e professoras. (Théo, L. 310-312).

Os debates sobre habilidades e gêneros surgem, quase sempre, naturalmente e acontecem durante e após a própria atividade (algumas vezes eu preciso incitar os debates). (Lucy, L. 646-647).

Existem lacunas desde a formação inicial até formação continuada. (Théo, L. 346).

No meu processo de formação inicial também não foi abordado temas sobre gênero e sexualidades. Busquei compreender melhor na formação continuada. (Jone, L. 555-557).

Construindo um paralelo em relação aos desafios relatados pelxs cursistas, estudos recentes (Santana Junior; Lima, 2024) evidenciam que o preconceito e a discriminação ainda estão presentes e, por vezes, persistem nas aulas de EFE. Esse cenário é refletido em algumas percepções/ações, como na diferenciação de habilidades/práticas por gênero. A exemplo, Aniszewski e Henrique (2023) e Silva (2023) encontraram em seus estudos que o desenvolvimento das aulas de EFE, em distintos contextos, ainda aconteciam mediante divisão por gênero o que, por sua vez, reforçava a diferenciação de habilidades/práticas. Sobre esses desafios ainda encontrados nas aulas deste componente, acredita-se que um dos possíveis caminhos é justamente a inclusão destes debates na formação inicial de professorxs de EFE (Vasconcelos; Ferreira, 2020).

Predominou como possibilidades a organização de aulas mistas, com regras e experimentações envolvendo a participação de todxs e a necessidade de diálogo constante. Alguns relatos a seguir:

É de extrema importância fazer as turmas mistas, desde os anos iniciais. [...] Então além da gente trabalhar a questão do respeito, da disciplina, da cooperação, a solidariedade e muitas outras coisas, com atividade mista a gente consegue ter a igualdade né? (Jone, L. 230-233).



XXII ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA

Sempre deixei bem claro para as turmas, seja Fund. II ou E. Médio, que os times deveriam ser mistos, seja para qual esporte ou atividade praticada em aula. (Thamy, L. 290-291).

Não basta misturar meninos e meninas. Todas e todos tem que jogar. (Hugo, L. 194-195).

Temos que colocar a equipe mista e incluir regras para que todos possam jogar. Se não colocar regras as meninas vão ficar correndo pra lá e pra cá e nem tocam na bola. (Vanessa, L. 383-384).

A organização da EFE em aulas mistas como possibilidade frente à diversidade de gênero e sexualidades não é algo novo. Observa-se, por exemplo, na última década estudos (Mattos, 2014; Vieira; Moraes; Oliveira, 2024) que apontam essa possibilidade, mas também indicam que existem tensões e contradições em sua dinâmica organizacional. Nos relatos apresentados acima, é notório que xs professorxs entendem as aulas mistas como possibilidade predominante, mas, ao mesmo tempo, avançam no entendimento de que apenas trabalhar com todxs juntxs promoverá oportunidades justas e igualitárias na EFE. Pelo contrário, além da organização mista, revelam a importância de adaptações, experimentações e diálogos para a participação efetiva de todxs.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As aulas de EF constituem-se como rico contexto para reflexões e debates acerca das questões aqui apresentadas. Observa-se, neste ambiente em que os corpos estão em evidência, como são latentes as questões de gênero e sexualidades. Também, é notória a urgência de abordagens sobre essas temáticas na formação inicial e continuada de professorxs, cujo potencial pode contribuir sobremaneira em relação aos desafios ainda encontrados e no debate de possibilidades outras para o “chão da escola”, não apenas na EFE.

Ademais, indica-se o reconhecimento da potencialidade do curso por fomentar debates emergentes e urgentes, bem como por mobilizar professorxs (em formação e em atuação) a refletirem sobre tensões sociais que se refletem na EFE.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A. B. C.; DEVIDE, F. P. “Gênero” e “Sexualidade” na formação em Educação Física: uma análise dos cursos de Licenciatura das Instituições de Ensino Superior públicas do Rio de Janeiro. **Arquivos em Movimento**, v. 15, n. 1, p. 25-41, jan./jul. 2019.

ANISZEWSKI, E.; HENRIQUE, J. Relação entre a satisfação da competência, autonomia e vínculos sociais e o desinteresse pelas aulas de Educação Física no Ensino Fundamental. **Educação em Revista**, v. 39, 2023.



XXII ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA. **ANÁLISE DE CONTEÚDO**. Lisboa: Edições 70, 2011.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2008.

MATTOS, M. Z. **Aulas mistas na Educação Física: tensões e contradições**. 2014. 107f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas/RS, 2014.

SABATEL, G. M. G. *et al.* Gênero e Sexualidade na Educação Física escolar: um balanço da produção de artigos científicos no período de 2004 a 2014 nas bases do Lilacs e SciELO. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 19, n. 1, jan./mar., 2016.

SANTANA JUNIOR, E. L. N. V.; LIMA, F. M. Desafios invisíveis: explorando o preconceito sexual nas aulas de Educação Física. **Research, Society and Development**, v. 13, n. 5, 2024.

SILVA, G. S. **Educação Física na Educação Básica sob a perspectiva de alunos egressos: análise acerca de atitudes, competências, suporte social e aprendizagens**. 2023. 242f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, 2023.

VASCONCELOS, C. M. T.; FERREIRA, L. A. A formação de futur@s professor@s de Educação Física: reflexões sobre Gênero e Sexualidade. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 36, e209700, 2020.

VIEIRA, I. G.; MORAES, B. C. S. L.; OLIVEIRA, R. C. Percepção de gênero para professores de Educação Física. Sua influência no planejamento de aulas mistas. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, v. 29, n. 313, p. 2-18, 2024.